

ANÁLISE DA ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER NA FORMAÇÃO MÉDICA E SEUS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS COM BASE EM RESULTADOS DE UMA REVISÃO DE LITERATURA

Resumo: A morte e o morrer constituem uma temática de difícil abordagem em diferentes culturas e em diferentes contextos. Apesar da dificuldade inerente ao assunto ao longo da formação médica, são poucos os espaços dedicados a trabalhar o tema. Tendo em vista essa problemática, buscou-se na literatura trabalhos que apontem a ocorrência de impactos psicossociais em estudantes de medicina decorrentes do contato com a temática da terminalidade ao longo da graduação. Para isso, foi feito uma busca nas bases de dados LILACS, PubMed, SciELO e MEDLINE, de artigos publicados entre 2008-2019. Dessa busca, foram selecionados 36 artigos, que compuseram a revisão de literatura. Pela análise, foi possível identificar a ocorrência de impactos psicossociais diversos decorrentes do contato com a temática em questão. Esses impactos possuem influência ao longo da graduação e também posteriormente, durante o exercício profissional.

Autores: Vinícius Leite Melo¹;
Elisa Maia Alkmim¹;
César Quadros Maia¹;
Amanda Pais Ravasio¹;
Larissa Ottoni Estevanin de Paula¹;
Rafael Lourenço Donadeli¹;
Denise Alves Guimarães².

Palavras-chave: Impactos psicossociais; Estudantes de Medicina; Atitude frente a morte.

¹Discente de Medicina da Universidade Federal de São João del-Rei, *Campus* Centro-Oeste, Divinópolis, Brasil.

²Professora Adjunta do curso de Medicina da Universidade Federal de São João del-Rei, Divinópolis, Brasil.

Introdução: Durante a formação em medicina o estudante se depara com situações que envolvem não somente os processos biológicos relacionados à morte e o morrer, como também as diferentes perspectivas sociais, históricas e culturais relacionadas às formas como essas questões são abordadas. Nesse sentido, a forma de lidar com a morte e o morrer, tanto podem sofrer modificações conforme seus diferentes conceitos e contextos, quanto também podem apresentar elementos que demonstram certas permanências culturais ao longo da história. Na cultura egípcia os mortos eram sepultados junto de suas roupas e pertences para que continuassem felizes após a morte; os hebreus consideravam o corpo do morto como impuro e evitavam tocá-lo. Posteriormente, durante a Idade Média, a morte era vista com naturalidade, fazendo parte do ambiente doméstico, sendo comum receber na casa do próprio enfermo, aqueles que queriam dele se despedir. Na sociedade contemporânea, a morte passou a ser considerada como um evento que deve ser evitado, afastado do ambiente doméstico e, especialmente entre profissionais de saúde, passou a ser vista como sinônimo de fracasso. É nesse cenário que o contato com situações de terminalidade passam a representar situações geradoras de sofrimentos psíquicos entre os estudantes, que muitas vezes lidam com estes eventos ao longo do processo de aprendizagem sem apoio adequado por parte dos docentes, da estrutura curricular e das instituições de ensino. Esses aspectos vêm sendo abordado por estudos que apontam que as necessidades pessoais dos estudantes não são consideradas, o que pode gerar desamparo, solidão ou desespero em situações em que os estudantes sentem a necessidade de apoio emocional. Esses estudos também dizem que os estudantes são levados a acreditar, pela observação do comportamento de seus docentes, que se envolver emocionalmente e afetivamente com seus pacientes e familiares em situação de terminalidade pode prejudicar o raciocínio e as habilidades de agir frente a uma decisão, o que os leva a acreditar que, se reprimirem seus sentimentos, consequentemente serão melhores profissionais. Nesse sentido, o desenvolvimento de mecanismos de defesa entre estudantes de medicina podem ser observados já nas primeiras aulas de anatomia e nos primeiros contatos com o cadáver, e frente à angústia sofrida pelo estudante, este acaba por eliminar do corpo ali presente a sua identidade humana, reduzindo-o a peça anatômica que facilitaria lidar com essas situações. Esse cenário de formação contribui para que os profissionais de saúde entrem despreparados para lidar com o tema da morte e do processo de morrer em suas práticas ao longo do processo formativo e posteriormente nas práticas profissionais, nas quais a morte passa a fazer parte do cotidiano. Nesse sentido, torna-se de fundamental importância a adequada abordagem das temáticas da terminalidade, de forma a contemplar sua complexidade para a prática médica.

Objetivos: Identificar na produção científica os impactos psicossociais vinculados aos processos de morte e morrer experimentados por estudantes brasileiros no processo de graduação em medicina.

Material e Métodos:

Foram selecionados os artigos contidos nas seguintes bases de dados: LILACS, PubMed, SciELO e MEDLINE, que foram publicados entre 2008-2019. Foram usados na pesquisa os seguintes descritores ou palavras-chave, em português e suas correspondências em inglês: “ESTUDANTES DE MEDICINA” AND “MORTE”; “ESTUDANTES DE MEDICINA” AND “ATITUDE FRENTE À MORTE”; “ESTUDANTES DE MEDICINA” AND “ESTRESSE PSICOLÓGICO”; “EDUCAÇÃO MÉDICA” AND “MORTE”; “EDUCAÇÃO MÉDICA” AND “TANATOLOGIA”; “ESTUDANTES DE MEDICINA” AND “TANATOLOGIA”. Pelas buscas, foram encontrados 31.404 artigos, sendo 31.330 excluídos baseados na leitura do título e resumo. Dentre os 74 artigos avaliados pela leitura completa do texto, 36 foram selecionados para compor o estudo de revisão.

Resultados:

O sentimento de angústia provocado pelo contato com o paciente terminal e pelo contato com cadáveres nas aulas de anatomia foi observado como um frequente impacto para o estudante de medicina em 3 estudos.

Além disso, transtornos psicológicos como a depressão, a ansiedade, a insônia e a síndrome de Burnout foram também mencionados como resultados desse contato em 9 estudos. Duas pesquisas citam o aparecimento de reações hipocondríacas, devido à proximidade com a doença e com a morte. Uma pesquisa menciona o termo “Tanatofobia” exemplificando o sofrimento psíquico dos estudantes em relação à morte, sendo que ao se deparar com a morte do paciente, se depara com a própria morte.

Quatro estudos apontam que muitas vezes, esse sofrimento é representado por sentimentos de fracasso, frustração, impotência, perda e sensação de falha que os alunos têm quando lidam com a morte de um paciente.

Com isso, 8 estudos apontam que os estudantes de medicina desenvolvem mecanismos de defesa para lidar com a morte do seu paciente ou para lidar com os cadáveres nas aulas de anatomia. Eles são, principalmente, distanciamento do paciente, desumanização, isolamento, e indiferença em relação ao paciente.

Conclusões ou Considerações Finais:

Conclui-se, portanto, que o contato com as temáticas vinculadas à terminalidade está relacionado ao surgimento de sofrimento psíquico que se expressam de diferentes formas ao longo do processo de graduação e que traz impactos psicossociais que podem afetar a qualidade de vida, a qualidade dos relacionamentos pessoais e a qualidade das futuras relações profissionais. A abordagem dessa temática ainda continua insuficiente e inadequada ao longo do processo de formação, não oportunizando um contato crítico e reflexivo que favoreça ao futuro médico o desenvolvimento de formas adequadas para lidar com a morte e o morrer.